

OBJETOS DE MEMÓRIA NA NARRATIVA DE UM TRABALHADOR DO PORTO DO RIO GRANDE, NA PEDREIRA DO CAPÃO DO LEÃO

GLADIS REJANE MORAN FERREIRA¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²

¹Universidade Federal de Pelotas – gladisbiblio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de minha tese de doutoramento¹ e apresenta as lembranças narradas por um trabalhador sobre um equipamento de trabalho. Apresento aqui dois objetos de memória da Pedreira do Capão do Leão. Para saber sobre a memória dessas máquinas, foram ouvidos três trabalhadores da pedreira.

Os guindastes apresentados são remanescentes dos equipamentos industriais trazidos pela *Compagnie Française du Port* do Rio Grande, no início do século XX. Para Ricoeur (2007, p. 38), memória é o presente do passado. Estes equipamentos operaram na Pedreira do Capão do Leão na remoção das pedras que foram levadas, por trem, para a construção dos Molhes da Barra, na cidade do Rio Grande.

A Pedreira de Capão do Leão é um lugar com importantes significados para aquela localidade e para a história do Porto do Rio Grande. Para Assmann (2011, p.317) “grande é a força da memória que reside nos locais”. Este lugar possui significados para famílias e grupos que ali se formaram estabelecendo uma relação de continuidade com o passado.

Parte da memória desses objetos foi narrada por três antigos trabalhadores da pedreira. Neste trabalho se dará destaque para as lembranças de um desses trabalhadores, o senhor Jairo².

Este trabalho se insere na área interdisciplinar do conhecimento e tem por objetivo apresentar uma parte das narrativas desse trabalhador. A razão de selecionarmos o senhor Jairo, e não os outros dois narradores, se dá pelo motivo do mesmo ter, além da memória dos guindastes operando no trabalho; uma memória afetiva, iniciada em criança, quando aprendeu matemática dentro de um dos guindastes.

Os acontecimentos do passado sobrevivem nas lembranças humanas organizados pela memória e fazem relação com a história e se constroem com os rastros daquilo que foi.

Para Candau (2010, p. 50) “parte da lembrança que é verbalizada (a evocação), não é a totalidade da lembrança”, e sim, a atualização das lembranças, no presente. Ao iniciar a entrevista narrativa o senhor Jairo relata que nasceu na Pedreira do Capão do Leão e que o pai e o avô trabalharam no lugar:

¹Tese de doutoramento, que tem com título provisório “Lá vem o trem, carregado de pedras:memória da Estrada de ferro do Porto do Rio Grande (1909-1992), do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

²O senhor Jairo Costa, tem, 62 anos de idade, é funcionário do Porto do Rio Grande e atual responsável pela Pedreira do Capão do Leão. A entrevista foi realizada em 05 de abril de 2022, nas dependências do escritório na Pedreira.

Nasci na casa do porto e moro na casa do porto até hoje. Não na casa que eu nasci porque essa não existe mais....

E passa a contar sobre suas lembranças de dois guindastes elétricos trazidos pela Companhia Francesa, que hoje se encontram na entrada da Pedreira do Capão do Leão.

Uma coisa da infância que eu quero contar...a gente tem aqui os guindastes que a gente possui. Eu creio que são os dois últimos modelos que vieram da França e foram montados aqui, são guindastes elétricos, funcionam com corrente elétrica contínua de 500 volts. Hoje isso não tem mais, ou é a diesel ou de esteira. O guindaste de trilho não existe mais, aquele modelo não existe mais.

E neste momento ele lembra de quando era criança e do que os guindastes representaram para ele.

Quando eu era criança eu estava com problema na matemática e o meu pai não tinha tempo nem paciência para me ensinar. Aí falou com o seu Heitor...o guindasteiro. O pai disse vai lá e procura o seu Heitor. Eu tinha muita dificuldade com conta de dividir no terceiro do primário. Aí eu vim aqui na pedreira e como naquela época tinha muito serviço, não dava para parar para ele me ensinar, então ele pegou um banquinho de madeira e botou atrás da cadeira do guindaste, que ele estava trabalhando. Entre ele e o cabo que puxava as pedras.

Um cabo de aço.. e aí começou a me ensinar, entre um bloco e outro que puxava e eu ali fazendo as contas e hoje a gente percebe o perigo que era porque arrebenta o cabo de aço... imagina.

Além do perigo o barulho nem sei quantos decibéis eram. Apreendi no meio do barulho com o guindaste trabalhando. Mas pra mim que era criança aquilo era prazeroso...eu aprendi ali no guindaste e eu tava andando de guindaste...era prazeroso. Apreendi a matemática, até hoje sou bom de matemática... depois entrei na faculdade de engenharia de tanto que gostava da matemática. E aí seu Heitor me ensinou a fazer as contas.

Depois na década de 80, quando eu ingressei no porto seu Heitor ainda era guindasteiro. Ele se aposentou depois. E aí o encarregado da pedreira que na época era o seu Darci me colocou a aprender a puxar pedra. Para o seu Heitor me ensinar e aí eu puxei alguns blocos de pedra. Nesse guindaste ensinado pelo seu Heitor.

A memória trazida oralmente é mais do um dado “é sempre sondagem profunda, reflexão sobre o que é retido e reelaborado na intimidade. É substância que se projeta no diálogo entre partes interessadas na busca por entendimentos” (Meihy; Seawright, 2020, p. 13).

Através das narrativas as pessoas lembram de fatos acontecidos e os colocam numa sequência, encontrando explicações para isso trazendo acontecimentos do individual para o coletivo. Esta lembrança pode ser sentida ou herdada pelo contato social e pertencimento.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa se constitui em uma pesquisa qualitativa, que analisa os dados relativos à natureza do fenômeno estudado, investiga os fatos e se vale da razão discursiva (RODRIGUES, 2007, p. 38). Como procedimento metodológico foram utilizadas entrevistas narrativas com trabalhadores da Pedreira do Capão do Leão. Para que fosse possível “registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p. 15) do objeto estudado.

Nossa motivação foi a de buscar a memória dos restos dos equipamentos trazidos pela *Compagnie Française du Port* do Rio Grande do Sul, que “refere-se aos bens de herança” (POULOT, 2009, p.16) de importante grupo social da Pedreira do Capão do Leão.

No momento da entrevista tínhamos dúvidas que foram sanadas. Buscamos saber sobre a chegada destes trabalhadores na pedreira e sobre suas rotinas de trabalho, sobre os lugares e os equipamentos de trabalho.

Mas também respeitamos suas histórias de vida e os deixamos falar à vontade, sem interrupções, aguardando o final natural de cada assunto abordado para iniciar a fase de questionamentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acreditamos que deixar as pessoas se sentirem livres, valorizadas e respeitadas ao lembrar, juntamente com a adoção de um roteiro de entrevista e de medidas que visam coletar informações dá relevância para a pesquisa. Tais escolhas levam a colaborar para o fortalecimento da memória da Pedreira do Capão do Leão e do seu grupo social através de seus objetos, que neste caso servem de evocadores de memória.

As narrativas foram transcritas na íntegra pelo entrevistador para que não houvesse perda das informações e das emoções, contrariedades e desinteresse ou outras reações espontâneas através de gestos dos entrevistados.

No final do trabalho iremos compartilhar as informações obtidas entre as fontes orais para que haja partilhamento das memórias entre o grupo. Para Thomson (1998, p. 290) este compartilhar é importante e vai além do grupo social a fim de que [...] possam repartir suas experiências entre a família.

4. CONCLUSÕES

Alguns dos equipamentos de trabalho, remanescentes da Pedreira do Capão do Leão, não estão no local de origem, onde operavam. No caso dos guindastes elétricos, foram retirados da lava da pedreira e trazidos, pelo senhor Jairo, para a

entrada, próximo a parte administrativa da pedreira, quando esses estavam na emissão de serem desmanchados³.

Os objetos memoriais existentes na Pedreira do Capão do Leão são sinais deixados por trabalhadores e suas técnicas de trabalho do passado que sofreram alterações devido o tempo.

Os guindastes elétricos têm a capacidade de serem evocadores memoriais pois fazem parte, como registros, da história de vida das pessoas. Quer sejam como um bem de valor individual ou coletivo.

Concluimos, que para o senhor Jairo, os guindastes elétricos da Pedreira do Capão do Leão são evocadores de lembranças sensíveis, por estarem vinculados a sua infância. Assim como possuem importância simbólica, por representarem, para ele e para os outros trabalhadores entrevistados um bem que evoca lembranças de um passado social, ainda presente para este grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memória e narrativas**.: História oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no ocidente, séculos XVIII-XXI**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009. p. 9-39.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2006.

THOMSON, Alistair. **Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do exército nacional**. Proj. História, São Paulo, n.16, fev. 1998.

³ Os guindastes seriam desmanchados, pelo motivo de estarem dificultando a operação da Companhia CBPO, que em 2007 fez o prolongamento dos Molhes da Barra, em Rio Grande.